



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LÍNGUA PORTUGUESA

DIEGO DA SILVA FRANCO

**A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA
ABORDAGEM VARIACIONISTA**

Abaetetuba (PA)
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LÍNGUA PORTUGUESA

DIEGO DA SILVA FRANCO

**A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA
ABORDAGEM VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Helane de Fátima Gomes Fernandes.

Abaetetuba (PA)
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F8251 FRANCO, DIEGO DA SILVA.
A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: :
UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA / DIEGO DA SILVA FRANCO.
— 2025.
44 f.

Orientador(a): Prof.^a. Dra. Prof.^a Dr.^a Helane de Fátima Gomes
Fernandes

Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa,
Abaetetuba, 2025.

1. Linguística. 2. Sociolinguística . 3. Variação. I. Título.

CDD 400

DIEGO DA SILVA FRANCO

A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA
ABORDAGEM VARIACIONISTA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Licenciatura Língua Portuguesa, da Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa, Campus Universitário de Abaetetuba, UFPA.

BANCA AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Helane de Fátima Gomes Fernandes (Presidente)

FACL/UFPA

Prof. Dr. Robson Borges Rua (Membro interno)

FACL/UFPA

Abaetetuba (PA)

2025

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Minha eterna gratidão aos meus pais, Ivanilda Corrêa da Silva e Dario Farias Franco, por todo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

Agradeço também pela vida da minha esposa Mariana Soares e do meu filho Julián Miguel, vocês são o meu combustível diário.

Agradeço aos meus colegas e amigos, Antônia Vitória, Marcelo, Marcilene, Maria Rita e Janáyra, pelo companheirismo, pelas valiosas discussões e o apoio para superar os desafios.

Dedico este trabalho com todo meu carinho e gratidão a Ivanilda Corrêa da Silva, Mariana Soares de Araújo e Julián Miguel Soares Franco, cuja presença, apoio e inspiração iluminaram cada etapa desta jornada. Que este esforço seja também um reflexo do amor, da confiança e da motivação que recebi de vocês.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	04
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	06
3.	METODOLOGIA	17
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4.1	Perfil Sociolinguístico observado.....	21
4.2	Adequação Linguística.....	21
4.3	Preservação do aspectos linguísticos dos feirantes.....	22
4.4.	Principais marcas linguísticas.....	23
5.	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXOS	28

A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA

Diego da Silva Franco¹

Orientador(a): Helane de Fátima Gomes Fernandes²

RESUMO:

O presente trabalho se localiza dentro dos estudos da linguagem, de abordagem variacionista, com foco nos aspectos relacionados as especificidades da fala de cada grupo social. O objetivo é discutir acerca da relação entre sociedade e linguagem, a partir da linguagem dos feirantes na feira de Abaetetuba – PA, o qual serão analisados expressões típicas dos feirantes. Compreende-se que existem uma série de ramificações que influenciam os modos de expressão e estão relacionados com o contexto social que rodeiam os sujeitos. Como aporte teórico, utilizamos prioritariamente os estudos de Alkmim (2006), Bortoni (2014) e Bagno (2007). A pesquisa aqui desenvolvida é de abordagem qualitativa e desenvolveu-se a partir de algumas etapas principais, um estudo bibliográfico, a pesquisa de campo para a coleta de dados, a etapa de análise e, por fim, a escrita do artigo científico. A investigação nos indica que os feirantes de Abaetetuba dispõem de um quadro sociolinguístico marcado por uma forte identidade local, flexibilidade comunicativa e preservação de traços linguísticos próprios. Os feirantes não apenas reconhecem que seu modo de falar difere de outras regiões, mas também atribuem valor a essa diferença. Ademais, a pesquisa revela que o modo de falar dos feirantes é um aspecto cultural, permeado por história, relações sociais e valores compartilhados.

Palavras-chave: Linguística; Sociolinguística; Variação.

ABSTRACT:

This study is situated within language studies, adopting a variationist approach, with a focus on aspects related to the specificities of speech within each social group. Its objective is to discuss the relationship between society and language, based on the speech of market vendors at the Abaetetuba fair – PA, Brazil. It is understood that there are several factors to be considered depending on the social context in which the subjects are situated. The theoretical framework primarily draws on the studies of Alkmim (2006), Bortoni (2014), and Bagno (2007). The research developed here follows a qualitative approach and was carried out through several main stages: a bibliographic study, field research for data collection, analysis, and finally the writing of the scientific article. The investigation indicates that the market vendors of Abaetetuba exhibit a sociolinguistic profile characterized by a strong local identity, communicative flexibility, and the preservation of distinct linguistic traits. The vendors not only recognize that their way of speaking differs from other regions, but they also value this difference. Furthermore, the research reveals that the vendors' speech constitutes a cultural aspect, imbued with history, social relationships, and shared values.

Keywords: Linguistics; Sociolinguistics; Variation.

¹ Estudante do Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, UFPA, matrícula nº 201901140054, ano de ingresso 2019. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

² Doutora em Educação, professor(a) da Faculdade de Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, UFPA. E-mail: helane@ufpa.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se localiza dentro dos estudos da linguagem com foco nos aspectos relacionados as especificidades da fala de cada grupo social. Dessa forma, o presente trabalho foi construído com o intuito de discutir acerca da relação entre sociedade e linguagem, a partir da linguagem dos feirantes na feira de Abaetetuba – PA, compreendendo que existem uma série de ramificações a serem consideradas, a partir do contexto social que os sujeitos se encontram. Serão analisados expressões típicas dos feirantes e assim, destacamos que, ao analisar a fala dos feirantes de Abaetetuba, não se trata apenas de apresentar as variações linguísticas, mas de discutir acerca de manifestação de identidades, modos de ser e formas de existir que se constroem no cotidiano. A linguagem, nesse contexto, é espaço de relações sociais e de afirmação cultural, revelando-se como dimensão constitutiva da própria condição humana.

Compreendendo que que essa discussão se volta para os estudos da sociolinguística, ressaltamos que, “[...] a sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar.” (Alkmim, 2006, p. 28), ou seja, ela não surge isolada, mas é construída a partir de diálogos com diferentes campos do saber, a partir do contexto social. Ademais, o termo sociolinguística, relativo a uma área da linguística, fixou-se em 1964, mais precisamente, surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, do qual participaram vários estudiosos da referida temática (Alkmim, 2006). Assim, considerando destacamos a necessidade de compreender a sociolinguística como um campo de conhecimento permeado por relações sociais, identidades e contextos específicos de diferentes grupos sociais, o que só é possível mediante a interdisciplinaridade.

Como aporte teórico para essa discussão, utilizamos prioritariamente os estudos de Alkmim (2006), Bortoni (2014) e Bagno (2007), cujos estudos ressoam explicitamente nas discussões acerca do que se define hoje como “sociolinguística”. Compreendemos que a escolha desses autores situa a discussão em um debate que ultrapassa a visão normativa e formal da língua, voltando-se para a valorização da diversidade linguística e para a reflexão crítica sobre as práticas sociais de fala.

O presente trabalho apresenta como lócus da pesquisa a feira da cidade de Abaetetuba. Abaetetuba, “terra dos brinquedos de miriti” (Santos, Ferreira, 2011), localizada as margens do rio maratauíra, um afluente do rio Tocantins, foi fundada por Francisco de Azevedo Monteiro, em 1724, porém, recebeu título de cidade em 1895. A cidade é permeada por cultura, pelos

saberes e conhecimentos dos rios, pela vasta cultura que transcende a cidade, sendo conhecida como a cidade da arte (Gomes, 2018). O município de Abaetetuba atualmente conta com uma população de 158,188 e a densidade demográfica é de 98,21 por km² de acordo com o último censo do IBGE (2022). A economia do município está baseada principalmente, no comércio, na pesca, extrativismo e sobretudo do açaí e da agricultura.

E claro, Abaetetuba é conhecida por constituir uma feira livre com inúmeros produtos a serem comercializados. Assim, a feira de Abaetetuba constitui um espaço privilegiado de trocas não apenas comerciais, mas também culturais, no qual a linguagem assume papel central nas relações sociais. Nesse contexto, é preciso nos questionarmos acerca das variações linguísticas presentes na fala dos feirantes, uma vez que estas se configuram como marcas identitárias da cultura local. Assim, o presente trabalho parte da seguinte problematização: De que maneira as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba revelam marcas regionais, cumprem funções sociais e contribuem para a construção da identidade cultural local?

Os objetivos desse trabalho estão organizados da seguinte forma; Objetivo Geral; Investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local. Objetivos Específicos; a) Identificar as principais marcas linguísticas e expressões utilizadas pelos feirantes durante as interações comerciais; b) Compreender como as variações linguísticas refletem e reforçam a identidade cultural dos feirantes e da comunidade local; c) Investigar a percepção dos feirantes sobre o uso de expressões de outras regiões e a resistência ou aceitação dessas variações externas.

No que se refere a relevância dessa discussão, o presente trabalho possui relevância pessoal, acadêmica e social. No que se refere a relevância pessoal, enquanto morador da cidade de Abaetetuba e também feirante nesse espaço, considero que esse trabalho contribui para a valorização de minha própria raiz cultural, a partir da linguagem, dos modos de ser e de se comunicar que me atravessam e me tocam enquanto sujeito que está inserido nesse cenário. Do ponto de vista acadêmico, esse trabalho é de suma relevância uma vez que fortalece o cenário cultural abaetetubense a partir das discussões dentro do campus universitário da referida cidade, fortalecendo o debate acerca da diversidade da língua portuguesa e de suas manifestações em diferentes grupos sociais. Já no aspecto social, a pesquisa se mostra relevante, uma vez que valoriza os saberes e práticas linguísticas dos feirantes de Abaetetuba, promovendo visibilidade

e respeito às identidades culturais que se constroem no cotidiano da feira, combatendo preconceitos linguísticos.

A pesquisa aqui desenvolvida é de abordagem qualitativa. Compreendemos que a pesquisa qualitativa é fundamental para os processos de pesquisa, sobretudo na área da sociolinguística, uma vez que essa área apresenta uma gama de significados, interpretações e especificidades dos falantes que necessitam de uma descrição e interpretação aprofundada por parte do pesquisador. Ademais, a pesquisa se desenvolveu a partir de algumas etapas principais. A primeira etapa foi um estudo bibliográfico abrangendo as discussões dos principais autores da área da sociolinguística, tais como Alkmim (2006), Bortoni (2014) e Bagno (2007). A segunda etapa da pesquisa foi a coleta de dados, cujo método utilizado foi a aplicação de questionários para sujeitos que atuam na feira municipal da cidade de Abaetetuba. A terceira etapa da pesquisa foi a análise dos dados e a última etapa da pesquisa foi a produção do produto da pesquisa; o artigo científico. O texto está dividido em quatro principais sessões, o referencial teórico, a metodologia, análise e discussão de dados e a conclusão.

No mais, esperamos que o desenvolvimento desse trabalho contribua significativamente para o desenvolvimento de discussões acerca da linguagem na feira de Abaetetuba, contribuindo para a valorização desses elementos culturais da região.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A linguagem apresenta um amplo leque de aspectos que se relacionam com as especificidades de cada grupo social, isto é, como estes sujeitos interagem e se comunicam entre si. Dessa forma, um dos intuitos desse trabalho é discutir acerca da relação entre sociedade e linguagem, compreendendo que existem uma série de ramificações a serem consideradas a partir do contexto social que os sujeitos se encontram. Assim, como aporte teórico para essa discussão, utilizamos prioritariamente os estudos de Alkmim (2006), Bortoni (2014) e Bagno (2007), cujos estudos ressoam explicitamente nas discussões acerca do que se define hoje como “sociolinguística”.

Gostaríamos de iniciar com a definição de sociolinguística;

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da sociolinguística é um estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (Alkmim, 2006, p. 31).

Dessa forma, a linguagem materializada no cotidiano é de grande relevância para compreendermos acerca das características e especificidades dos diferentes grupos sociais. A linguagem se constitui como uma forma de identidade e subjetividade desses grupos. Assim, uma comunidade de fala, se caracteriza por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que se orientam a partir de comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (Alkmim, 2006).

Um aspecto muito relevante para nossos estudos, é a definição de Língua. Alkmim (2006) destaca que, - é importante mencionar que a autora utiliza a discussão de Saussure, um importante teórico da área da sociolinguística - “[...] a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.” Nesse viés, “[...] a língua se caracteriza por ser um produto social da faculdade da linguagem”. (Alkmim, 2006. p. 23). Nesse viés, a língua não é algo individual, mas como um fenômeno que só se constitui na vida social; um fato social, um sistema convencional adquirido na interação social. Para Saussure, a linguística se dedica ao estudo da língua como sistema, enquanto fala.

Dessa forma, a Alkmim (2006, p. 22) aborda que “[...] as teorias de linguagem, do passado sempre refletem concepções particulares de fenômeno linguístico e compreensões distintas do papel deste na vida social”, cuja passagem demonstra que os estudos acerca da sociolinguística advêm de diferentes autores e que cada um apresenta especificidades e particularidades a serem consideradas. É pautado, então, que o debate acerca da relação entre linguagem e sociedade começou a ser discutido no século XX. Nesse cenário, a autora apresenta outros estudiosos que se constituem como os pilares dessa discussão, em que são citados Antônio Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson. É discutido explicitamente acerca das importantes considerações desses autores para os estudos sobre sociolinguística. Assim, “Meillet, aluno de Saussure, filia-se a orientação de crônica dos estudos linguísticos, mas, para ele, as histórias das línguas são inseparáveis da história da cultura e da sociedade [...]” (Alkmim, 2006. P. 24). As premissas desse autor partem do pressuposto de que sociedade e língua estão relacionadas.

Já Bakhtin, de acordo com a autora, discute especificamente acerca da comunicação social. Para ele, a verdadeira substância da língua constituída pelo fenômeno social da interação verbal, é realizado através da enunciação ou das enunciações. Em consonância, Jakobson discute que a comunicação tem um papel central, em que todo indivíduo participa de diferentes comunidades linguísticas e todo código linguístico é multiforme, compreendendo uma hierarquia de subcódigos diversos, livremente escolhidos pelo sujeito falante. (Alkmim, 2006).

Já Marcel Cohen, afirma a necessidade de um diálogo entre as ciências humanas, uma vez, que fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais. Cohen assume a questão das relações entre linguagem e sociedade, a partir da consideração de fatores externos. (Alkmim, 2006).

Assim, Alkmim (2006) destaca que os referidos autores estabelecem um repertório de tópicos de interesse para um estudo sociológico da linguagem, como, por exemplo, o estudo das relações entre as divisões sociais e as variações linguísticas, que permitem abordar temas como exemplo, a distinção entre variedades rurais, urbana e de classes sociais, os estilos de linguagem no âmbito formal ou informal, as formas de tratamento, a linguagem de grupos segregados, como jargões de estudantes, de marginais, de profissionais etc.

Já para Benveniste, é a partir da língua que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente, uma vez que, ambos só ganham existência pela linguagem. Assim, é pelo exercício da linguagem que o homem constrói sua relação com a natureza e entre si. Ademais, ainda para esse autor, alguns aspectos aproximam a língua e sociedade, é que ambos são realidades inconscientes, que representam a natureza, sempre são herdadas e não podem ser abolidas pela vontade dos homens. No entanto, a língua dispõe de um poder coercitivo que “[...] criando a possibilidade da produção e das subsistências coletivas.” (Alkmim, 2006, p. 27).

Para além disso, a autora também cita as discussões de dois autores especificamente. O primeiro, Hymes, que, a partir de um artigo, propõe “[...] o novo domínio da pesquisa, a etnografia da fala, rebatizada mais tarde como etnografia da comunicação. Esse domínio pretende descrever interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural [...]” (Alkmim, 2006. P. 30). Além desse autor, é citado Labov, que publica um trabalho acerca da comunicação da ilha de Martha’s Vineyard, no Litoral Massachusetts, que destaca o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, em que;

Nesse texto, o autor relaciona fatores como idade sexo ocupação origem étnica e atitude comportamento linguístico manifesta dos vineyardenses, mas concretamente, a pronúncia de determinados fones do inglês. Logo, em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova Iorque, em que ficção modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas traço conhecido como sociolinguístico variacionista ou teoria da variação, de grande impacto na linguística contemporânea. (Alkmim, 2006. p. 30).

Dessa forma, observamos que esse autor se constitui como um dos principais pilares da sociolinguística, em que, discute sobre as especificidades da relação entre sociedade e língua. A partir de todo o contexto apresentado, com os inúmeros autores e várias pesquisas que se voltaram para a discussão acerca da relação entre linguística e sociedade, surgiram pesquisas voltadas pelas minorias linguísticas como imigrantes por poloneses italianas, aponta a autora.

Nesse cenário, a diversidade sociolinguística é de suma importância para compreendermos que a língua é mutável, ela varia de acordo com as especificidades de cada grupo social. Assim, para a autora, “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea.” (Alkmim, 2006, p. 33). Além disso, a autora destaca os diferentes modos de falar a própria Língua Portuguesa, utilizados pelo conjunto de seus falantes do Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, entre outros.

É destacado que “todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas. Em outras palavras, as gerações sucessivas de indivíduos ligam a seus descendentes e domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são parte da história das línguas” (Alkmim, 2006, p. 33). Assim, não podemos desvincular a língua dos aspectos sociais e culturais que a permeiam, e fazer isso, seria amputar a linguagem a um simples mecanismo de códigos abstratos que se encerram em si mesmos.

No plano sincrônico, as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente. É bom frisar que não existe nenhuma relação de casualidade entre o fator de nascer em uma determinada região, ser de uma classe social determinada etc. (Alkmim, 2006, P. 34).

A partir dessa passagem, observamos que são inúmeros os elementos que influenciam a língua falada, ela varia de acordo com os aspectos supracitados, o que pressupõe que a língua é dinâmica. Dessa forma, a autora descreve as variedades linguísticas, a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica e a variação social. Mas além disso, a variação social se relaciona a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes, e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. (Alkimim, 2006).

A língua também é marcada pela situação ou contexto social, um fator muito importante, em que, qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com a situação que se encontra. Dessa forma, se o sujeito se encontra com alguém mais velho, ou hierarquicamente superior, o sujeito vai se comunicar de um jeito, ou se ele se encontra em um bar, em uma conferência, ou a partir do tema da conversa, se é fofoca, ou algo científico, todo falante varia sua fala de acordo com a situação do momento. Assim, a comunicação é marcada pela formalidade ou informalidade, em que, “as variedades linguísticas utilizadas pelos participantes das situações devem corresponder às expectativas sociais convencionais [...]” (Alkmim, 2006, p. 37).

Dessa forma;

Assim é que observamos estilos distintos quando um falante conversa com amigos ou com vizinhos recém conhecidos, ou com médico, durante uma consulta, bem comuns escrever um bilhete um colega de faculdade, uma carta a sessão de leitores de um jornal ou elaborar um relatório dirigido a um superior no trabalho. [...] utilizamos muito genericamente, expressões com estilos formal, informal, coloquial, familiar, pessoal. (Alkmim, 2006, p. 38).

Nessa perspectiva, a partir dessa passagem, observamos que a linguagem se adapta em diferentes situações, desde interações informais entre amigos até comunicações mais formais no ambiente de trabalho. Essa variação é um reflexo da adequação linguística, um fenômeno essencial na sociolinguística. Além disso, o uso de termos como "formal", "informal", "coloquial" e "familiar" mostra a tentativa de categorizar os diferentes registros da língua, embora essas classificações possam ser flexíveis e contextualmente determinadas. A observação reforça a importância da competência comunicativa, ou seja, a capacidade de um falante ajustar seu discurso conforme a situação e os objetivos da interação.

Portanto, observamos que essa discussão é ampla, e promove inúmeras reflexões acerca da variedade linguística e das influências do contexto social, demonstrando que a língua é dinâmica e mutável.

Já os estudos de Bortoni (2014), apresentam inúmeros aspectos a serem considerados para as discussões acerca da sociolinguística e complementa as discussões de Alkmim (2006). Assim, o texto foca especificamente acerca da emergência da sociolinguística como campo de estudos e acerca do relativismo cultural.

Assim como Alkmim (2006), ele aborda que a sociolinguística, como uma ciência autônoma e interdisciplinar, teve início em meados do século XX, embora haja vários linguistas que, muito antes dos anos 1960, já desenvolviam seus trabalhos a partir de uma teoria da natureza claramente sociolinguística. (Bortoni, 2014). Dessa forma, o autor utiliza como exemplo, assim como a autora anterior, Meillet (1866-1936), e Bakhtin (1895-1975). Para ele, esses autores consideraram “[...] o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam material da fala do produtor dessa fala, o falante - Pelo contrário, consideravam relevantes examinar as condições em que a fala era produzida.” (Bortoni, 2014. p. 11). Compreendo que os estudos desses autores são fundamentais para o desenvolvimento e a formação da sociolinguística como campo de estudos.

O autor discute acerca do relativismo cultural, em que aborda acerca das distintas culturas e como algumas culturas são prestigiadas na sociedade, em detrimento de outras, assim, a variação da cultura implica também na variação da linguagem, o que demonstra que a linguagem possui especificidades a partir em cada contexto sociocultural. Dessa forma, o autor cita que os primeiros sociolinguísticos, durante a década de 1960, “[...] buscavam no repertório linguístico das crianças as explicações para o seu melhor ou pior justamente à cultura escolar, ainda pouco se discutiu o impacto da cultura letrada sobre grupo sociais ou nacionais.” (Bortoni, 2014. p. 12). Observamos que as especificidades na aprendizagem são consideradas, resultando no desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre especificidades desse processo.

De acordo com Bortoni (2014, p. 14-15), em maio de 1964 houve uma conferência sociolinguística na Califórnia, movida por William Bright, em que muitos linguistas “[...] buscavam construir metodologias de caráter variacionista, [...] motivadas principalmente pelo fraco desempenho escolar de crianças grupos étnicos e sociais minoritários, particularmente, os falantes do vernáculo afroamericano.” Observamos que existem variações em diferentes partes de centros urbanos, o que demonstra especificidades dos grupos sociais de diferentes espaços.

Ademais, assim como Alkmim (2006), o referido autor também utiliza a definição de Saussure (1857-1913), em que este define a língua como “um sistema abstrato partilhado pelos falantes que lidam concretos no âmbito da fala.” Além desse conceito, o autor destaca a necessidade de definir também o que seria o “letramento”, em que ele destaca que “Letramento é uma tradução feliz do inglês que se propôs no Brasil para a palavra “Literacy” [...] em inglês, palavra “literacy” é mais usada no sentido de alfabetização.” (Bortoni, 2014. P. 16).

Assim, o autor segue contextualizando acerca do letramento no Brasil, em que destaca que no referido país, nos anos 1990, o foco dos estudos de letramento eram as modificações sociopolíticas e demográficas que se seguiram ao uso extensivo da escrita. “Daí o interesse progrediu para análise do desenvolvimento da tecnologia da escrita em grupos nacionais ou sociais em sociedade não industrializados” (Bortoni, 2014. p. 17). Ademais, o autor vai além, ele enfatiza os estudos de Brian Street (1984), cujo autor, “[...] identificou duas maneiras de conceber o letramento: atribuindo-lhe um caráter autônomo ou analisando-o de uma perspectiva ideológica.” (Bortoni, 2014. P. 17). Nesse viés;

[...] No chamado modelo autônomo de Letramento, segundo a dicotomia proposta por Street, atribui-se immanentemente à escrita, e por consequência também à leitura, o apanágio de habilitar o indivíduo a realizar operações cognitivas complexas, independentemente de seus antecedentes ou de seu contexto. Um corolário desse entendimento é uma perversa distinção entre indivíduos que sabem ler e escrever, e, portanto, estão aptos a desenvolver raciocínio complexo, e indivíduos incapazes de tais raciocínios, dotados de uma mente pré-lógica. Percebe-se aí a replicação de noções preconceituosas e discriminatórias, que pontuam a história do pensamento humano. (Bortoni, 2014. p. 17).

Dessa forma, a partir dessa passagem, observamos as críticas do autor acerca do modelo autônomo de letramento proposto por Street, destacando seu caráter reducionista e excludente, críticas essas que concordamos, uma vez que, nessa visão, a escrita e a leitura são concebidas como habilidades que, por si só, tornam o indivíduo capazes de operações cognitivas complexas, desconsiderando fatores sociais, culturais e históricos que influenciam o pensamento e a aprendizagem.

Ademais, autor cita o autor chamado Walter Alson, que problematizou o letramento a partir de várias questões, por exemplo; como o letramento afeta a vida dos indivíduos socialmente? Ou; o letramento é decisivo para produzir certas mudanças sociais e pessoais? E

até, as diferenças entre linguagem oral e escrita são importantes? Essas questões foram respondidas posteriormente quando o autor concluiu que, praticamente tudo o que pode ser escrito pode ser falado, assim, as diferenças ficam apenas nas opções linguísticas referentes aos recursos próprios das duas modalidades. O autor conclui ainda que as convenções relativas às escritas estão associadas a maior prestígio e autoridade.

Além disso, “[...] o letramento não causa mudança social, modernização ou industrialização, mas ser capaz de ler e escrever pode ser vital para desempenhar certos papéis numa sociedade industrializada.” (Bortoni, 2016. P. 18). Compreendemos que o letramento é significativo na vida dos sujeitos, porém, ele não pode ser parâmetro para a perpetuação de desigualdades sociais e a legitimação de discriminações e preconceito.

Nesse cenário, concordamos com a perspectiva do autor, em que aborda a necessidade de pensarmos em duas versões no modelo ideológico; a mais fraca postula a pluralidade de práticas letradas, que se materializam em eventos letrados, inclusive eventos locais de letramento pertencentes a culturas não hegemônicas. Já a mais forte, demonstra que não haveria uma relação casual entre letra e progresso tecnológico, porém com difícil comprovação empírica. (Bortoni, 2014).

O autor debate acerca da oralidade; “a oralidade é, por excelência, uma atividade localmente construída e muito sujeita às contingências do momento da enunciação.” (Bortoni, 2014, p. 20). Essa passagem é de suma relevância para nossas discussões, uma vez que apresenta o local como determinante para a construção da maneira como se comunicar. Ademais, ele destaca que a comunicação é construída pelos interagentes, isto é, pelos autores que compõe a interação. “O falante recebe de seus ouvintes sinais retorno que o ajudam a produzir e a modular é só falar. O ouvinte pode, pois, ser considerado o principal elemento do contexto que condiciona a fala do seu interlocutor.” (Bortoni, 2014, p. 20).

Compreendemos, assim, que existem muitos aspectos que permeiam a comunicação, e se constituem como aspectos que não estão presentes na escrita. No entanto, ele ainda pontua que “[...] não devemos tratar a oralidade escrita como duas entidades de dicotômicas.” (Bortoni, 2014, p. 20), o que demonstra que ambas se complementam, e devem ser consideradas também a partir do contexto social e cultural.

Outro autor de suma relevância para essa discussão, é Marcos Bagno (2007), cujo autor discute acerca das variações linguísticas. Ele inicia a discussão abordando que não existe uma língua homogênea, ou seja, nenhuma língua se sobressai a outra, em que as diversas variações linguísticas, assim como os patrimônios culturais e materiais, devem ser preservados.

Ainda nas primeiras partes do texto, o autor tece discussões que promovem inúmeras reflexões, mormente, ele define a língua, em que; “[...] o que se convencionou chamar de ‘língua’ nas sociedades letradas é, na verdade, um produto social, artificial, que não corresponde àquilo que a língua realmente é [...]” (Bagnó, 2007. P. 35). Dessa forma, ele aborda que a língua é um produto sociocultural, elaborado a partir do esforço social, sendo assim, “[...] uma grande abstração, ou como se diz hoje, um patrimônio imaterial” (Bagnó, 2007. P. 36). Observamos que a língua apresenta um amplo leque de questões que envolvem aspectos socioculturais.

Adiante, ele discute a língua a partir de sua heterogeneidade, em que ele aborda que a concepção de língua dos sociolinguistas, é que a língua é “[...] múltipla, variável, instável, e sempre em construção e reconstrução” (Bagnó, 2007. P. 36). Assim, a Língua é uma “atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala e da escrita” (Bagnó, 2007. p. 36). Dessa forma, a língua faz parte da composição dos grupos sociais, inclusive, passando por transformações junto a esses grupos.

Nessa perspectiva, ele aborda que “[...] é mais uma ilusão acreditar que é possível encerrar num único livro a verdade definitiva e eterna sobre uma língua” (Bagnó, 2007. p. 36), o que demonstra que a própria discussão de língua não se encerra nela mesma, mas que existem inúmeras ramificações advindas da linguística e que se voltam para discussões mais amplas e mais específicas. E indo além a partir da perspectiva do autor, ele aborda que a própria maneira natural das línguas é justamente essa forma de ser, heterogênea, sendo assim, ele pontua que a variação linguística não é um problema e sim que;

O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distancie dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (Bagnó, 2007. p. 37).

Dessa forma, tentar teorizar que a língua é restrita a um código de normas que devem ser seguidas, se constitui como um problema a ser considerado pelos linguistas. Assim, a partir da perspectiva do autor, “a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança [...]” (Bagnó, 2007. p. 37).

Ademais, o autor aborda que é impossível estudar a língua sem estudar a sociedade em que a língua se materializa, ou seja, é necessário o estudo da forma como os sujeitos se relaciona entre si. O autor aponta que a sociedade linguística é formada a partir de dois grandes polos: a variação linguística – a língua em seu estado de transformação – e a norma padrão – modelo artificial de língua criado para tentar neutralizar os efeitos da variação. Assim, “entre esses dois polos, existe uma grande zona intermediária, em que a norma-padrão influencia a variação linguística e a variação linguística influencia a norma-padrão.” (Bagnó, 2007. p. 39).

Adentrando mais a fundo na discussão, o autor aborda acerca do conceito de variação. Assim, “[...] dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez que, ela é heterogênea” (Bagno, 2007. p. 39). Dessa forma, de acordo com o autor, a variação ocorre em todos os níveis na língua; existe a variação fonética e fonológica, a variação morfológica, a variação sintática, a variação semântica, variação lexical e a variação estilístico-pragmática, o que demonstra que a língua é dinâmica em todas as suas variações.

Ademais, ele aborda que a heterogeneidade da língua não pode ser aleatória, e sim ordenada, estruturada e ordenada a partir de diferentes fatores. Assim, “nada na língua é por acaso” (Bagno, 2007. p. 40). Dessa forma, ele apresenta o exemplo da alternância entre *s* e *r*, em pares como *raspa/rasga*, *escama/escana*, *fisco/fisgo*, *destino/desmaio*, que demonstra uma variação no contexto fonético, em que “é um fenômeno tão impregnado na língua que ninguém se dá conta dele, ele não chama a atenção, não desperta nenhum tipo de reação negativa ou positiva da parte dos falantes, que nem sequer têm consciência de que ele acontece.” (Bagno, 2007. P. 41). Dessa forma, a variação é algo natural no nosso dia a dia que não percebemos sua ocorrência.

Adiante, ele aborda que “no português brasileiro, diversas áreas geográficas apresentam o “s chiado”, como o Rio de Janeiro, o Pará, O Nordeste em geral, zonas do Mato Grosso, algumas comunidades da ilha de Santa Catarina (onde fica Florianópolis), entre outras” (Bagno, 2007. p. 41), o que demonstra que a maneira de repetir determinadas palavras varia de acordo com o espaço geográfico e o meio social.

Outra variação citada, é no plano morfossintático, em que a letra *s* é usada de forma diferente em diferentes frases, por exemplo “a) aquelas casinhas amarelinhas; b) aquela casinhas amarelinhas; c) aquela casinha amarelinhas”, em que a frase a) ocorre no cenário brasileiro, dita por todos os brasileiros, enquanto b e c não ocorrem. Ademais, o autor discute que acerca da palavra *regra*, em que ele aborda que a *regra* é diferente da usada na gramática normativa, mas que, por exemplo, os exemplos citados acima são “[...] perfeitamente regrados, e a prova maior disso é justamente a regularidade com que eles ocorrem na língua.” (Bagno, 2007. p. 42).

Dessa forma, observamos que existem diferentes formas para dizer a mesma coisa, mas o modo de falar reflete a identidade de diferentes grupos sociais. Nesse contexto, ele destaca que a língua é fascinante pelo simples fato de nunca está pronto, que “[...] o tempo todo se renova, se recompõe, se reestrutura, sem, todavia, nunca deixar de proporcionar aos falantes todos os elementos necessários para sua plena interação social e cultural.” (Bagno, 2007. p. 43).

Adiante, ele discute sobre os fatores extralinguísticos, em que existem um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística, que são; a origem geográfica, em que a língua varia de uma região para outra, inclusive dentro do mesmo Estado, também sendo destacado a origem rural e urbana. Outro fator importante é o status socioeconômico, em que, as pessoas que têm um nível de renda baixo não falam do mesmo jeito que as pessoas com maior renda. O grau de escolarização, que é um fator importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos. A idade, o sexo, o mercado de trabalho e as redes sociais.

Dessa forma, o autor aborda que o fator de escolaridade é o que mais impacta na variação linguística, uma vez que este está mais relacionado ao fator socioeconômico, no qual o acesso a uma escola de qualidade é pouco acessível para algumas populações, o que influencia tanto na fala quanto na escrita.

Também é discutido acerca da variação estilística, em que a variação linguística ocorre também no comportamento linguístico de cada sujeito; “[...] nós variamos o nosso modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos inconsciente, conforme a situação de interação que nos encontramos” (Bagno, 2007. p. 44-45). A situação exige do falante o controle, uma atenção e um planejamento maior ou menor de seu comportamento e assim, seu comportamento verbal, o que pode ser sintetizado no conceito de monitoramento estilístico.

O monitoramento linguístico ocorre tanto na oralidade quanta na escrita, cujo monitoramento varia de situação para situação. Dessa forma, não existe falante de estilo único, mas sim, “[...] todo e qualquer indivíduo varia à sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc.” (Bagno, 2007. p. 45-46). Assim, as normas são aprendidas na observação e reprodução ensinadas às crianças pelos pais ou outros adultos. Nesse contexto, uma pessoa alfabetizada que não cursou o grau superior não dispõe dos mesmos mecanismos de pessoas que cursaram, sendo aparente tanto na fala quanto na escrita.

Outro tópico discutido pelo autor é acerca da classificação da variação linguística; a variação diatópica; se volta para a comparação entre o modo de falar de diferentes espaços lugares; variação diastrática; que se refere à comparação entre os modos de falar de diferentes sujeitos de classes sociais distintas; variação diamésica compreende a comparação entre a língua falada e a escrita; a variação diafásica; em que o uso do diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal; variação diacrônica que se volta para a comparação entre diferentes fases da história de uma

língua. Nesse viés, “uma variedade linguística é um dos muitos "modos de falar" uma língua” (Bago, 2007. p. 47). Adiante, o autor aborda que

podemos delimitar e descrever quantas variedades linguísticas quisermos, de acordo com os fatores sociais que incluímos na nossa investigação, com os exemplos que dei mais acima: o modo de falar dos jovens do sexo masculino, entre 18 e 25 anos, com escolaridade inferior a 4 anos, que vivem na periferia da cidade de São Paulo é uma variedade linguística. (Bago, 2007. p. 47).

Dessa forma, observamos que existem muitos elementos do meio sociocultural que impactam diretamente na linguagem empregada pelos sujeitos. Assim, de acordo com o autor, “[...] cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-la das outras variedades.” (Bago, 2007. P. 47). Ademais, um aspecto de grande relevância que o autor aborda, é que “toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional” (Bago, 2007. P. 47), ocorrendo como uma forma de manutenção da coesão textual da sociedade em que é empregada, ou seja, as variedades linguísticas são essenciais para as formas de expressão a partir da oralidade.

Assim;

A ideia de que existem variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas” ou mais “erradas”, mais “ricas” e mais “pobres”, é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e de discriminação que existem em toda a sociedade. [...] para o estudioso da linguagem, todas as variedades linguísticas se equivalem, todas têm sua lógica de funcionamento, todas obedecem a regras gramaticais que podem ser descritas e explicadas. (Bago, 2007. p. 48).

Essa passagem do autor é de suma relevância, uma vez que demonstra que as línguas podem ser atingidas por discriminações que advêm de uma sociedade excludente e segregativa. Ademais, o autor aborda que nem tudo na língua varia, assim, “[...] as regras da língua que não apresentam variação são chamadas de regras categóricas e pertencem a repertório linguísticos de todos os falantes, de todas as regiões classes sociais graus de instrução etc.” (Bago, 2007. P. 50).

Também é importante destacar acerca da diferença entre variável e variante. Assim;

Uma variável sociolinguística, portanto, é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis é chamada de variante. A definição mais simples de variante é a de “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa”. (Bago, 2007. p. 50).

Dessa forma, o autor aborda que o estudo das regras variáveis é a principal tarefa da sociolinguística, permitindo que se conheça o estado real da língua, a forma como ela é usada pelos falantes. Adiante, o autor define a palavra vernáculo, no qual ela utiliza a definição de William Labov, em que o Vernáculo é um estilo em que se presta o mínimo de atenção e monitoramento da fala. Assim, o autor aborda que o vernáculo parece ser a fonte mais segura para a investigação dos fenômenos de mudança linguística que afetam determinada língua num dado momento histórico.

Nesse viés, cada grupo social tem o seu vernáculo, ou seja, seu estilo próprio, que identifica a comunidade. Por meio do estudo do vernáculo, podemos identificar quais são as regras gramaticais que realmente pertencem ao português brasileiro, as formas que são assumidas pelos sujeitos no cotidiano. Nesse contexto, “ao mesmo tempo, podemos identificar quais são as regras que estão deixando de ser usadas, caindo em obsolescência, com probabilidade de desaparecer da língua num futuro próximo.” (Bagno, 2007. p. 52).

A partir das discussões dos três autores destacados, afirmamos que a sociolinguística apresenta importantes discussões a serem consideradas para o desenvolvimento de discussões acerca das variações que permeiam e que estão presentes nos processos comunicativos de diferentes grupos sociais. Assim, a presente discussão é imprescindível para que compreendamos que a língua é dinâmica e varia de acordo com o contexto social e cultural.

3. METODOLOGIA

Partimos da perspectiva de Martins (2004, p. 291), que compreende a metodologia como “[...] uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica.” Assim, compreendemos que a metodologia é de suma importância para o desenvolvimento de qualquer produção científica, sendo o caminho traçado para a obtenção de respostas relacionados ao objetivo de pesquisa analisado. Ademais, considerando que a metodologia é intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento de pesquisa e produção de conhecimento (Demo, 1989), ela é indispensável nos processos formativos nas diversas licenciaturas.

A pesquisa aqui desenvolvida é de abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2001, p. 21-22); “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.” Dessa forma, ela trabalha com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Compreendemos que a pesquisa qualitativa é fundamental para os processos de pesquisa, sobretudo na área da sociolinguística, uma vez que essa área apresenta uma gama de significados, interpretações e especificidades dos falantes que necessitam de uma descrição e interpretação aprofundada por parte do pesquisador.

Ademais, de acordo com Martins (2004, p. 291);

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais

investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la.

Nesse viés, observamos que a pesquisa qualitativa é de grande relevância nesse trabalho, haja vista que ela permite uma compreensão mais profunda das relações entre linguagem e sociedade, possibilitando um foco nas relações sociais amplas e restritas, abrangendo um leque de aspectos relacionados aos significados e identidade de determinados grupos sociais a partir da linguagem.

A pesquisa desenvolveu-se a partir de algumas etapas principais. A primeira etapa foi um estudo bibliográfico abrangendo as discussões dos principais autores da área da sociolinguística, tais como Alkmim (2006), Bortoni (2014) e Bagno (2007). A pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Dessa forma, compreendemos que a pesquisa bibliográfica foi fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa, haja vista que, além de fundamentar teoricamente a discussão, também permitiu a articulação entre diferentes teorias, fator imprescindível na área da sociolinguística que se constitui como uma área com grande aporte teórico.

Em consonância, a pesquisa bibliográfica;

[...] é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações (Marconi; Lakatos, 2003, p.158).

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica possibilitou maior compreensão da temática proposta, assim como promoveu maior assertividade nas questões a serem formuladas na coleta de dados.

A segunda etapa da pesquisa foi a coleta de dados. Nesse viés, o método de coleta de dados foi a aplicação de questionários para sujeitos que atuam a feira municipal da cidade de Abaetetuba, interior do Estado do Pará. De acordo com Santos (2021, p. 01), “o questionário oportuniza o levantamento de percepções, opiniões, crenças, sentimentos, interesses, e demais terminologias congêneres, acerca de um determinado fenômeno, fato, acontecimento, ocorrência, objeto ou empreendimento.” Nessa perspectiva, a escolha desse método de coleta de dados deu-se a partir da possibilidade de abranger um amplo número de pessoas cujas percepções possam ser consideradas no estudo, compreendendo as formas linguísticas do grupo social de forma mais geral. Em anexo, estão os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) assinado por todos os sujeitos da pesquisa, assim como, as perguntas contidas no questionário também estão em anexo.

De acordo com Gil (2011, p. 128), o questionário “é a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” Dessa forma, esse método de coleta de dados favorece a obtenção de respostas mais objetivas e específicas acerca do objetivo proposto. A terceira etapa da pesquisa foi a análise dos dados a partir das seguintes categorias destacadas na coleta de dados: 1. Idade, 2. Gênero sexual, 3. Tempo de trabalho na feira, 4. Opinião sobre o falar, 5. Gírias mais utilizadas e 6. Preconceito linguístico.

A última etapa da pesquisa foi a produção do produto final da pesquisa; o artigo científico. O artigo científico se configura na produção de conhecimento e desenvolvimento de pesquisa científica que posteriormente será compartilhado no meio acadêmico. Dessa forma, consideramos que o “produzir ciência”, sobretudo acerca dos processos sociolinguísticos é fundamental para a valorização das variações linguísticas, possibilitando, a partir do desenvolvimento de pesquisa e discussões sobre essas variações em grupos específicos do meio social.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos que envolvem a variação linguística carregam marcas culturais, históricas e identitárias do grupo que a utiliza. Nessa perspectiva, estudar essas variações permite valorizar a pluralidade linguística, combatendo visões que consideram apenas a norma padrão como “correta”, como evidencia Bagno (2007). Ademais, o estudo da variação linguística é também uma forma de documentar e proteger o patrimônio imaterial. Assim, nessa seção, serão discutidos os principais resultados da pesquisa de campo realizada na feira de Abaetetuba. Foram entrevistadas 10 pessoas em atividades diferentes na feira, sendo eles organizados na tabela abaixo; A análise dos dados foi realizada a partir das seguintes categorias: 1. Idade, 2. Gênero sexual, 3. Tempo de trabalho na feira, 4. Opinião sobre o falar, 5. Gírias mais utilizadas e 6. Preconceito linguístico. Os sujeitos da pesquisa foram entrevistados durante 3 dias, e os principais resultados estão dispostos a seguir;

Nome do entrevistado	Idade	Tempo de atuação na feira	Ocupação
João Carlos	58 anos	32 anos	Vendedor de frutas regionais.
Ana Beatriz	41 anos	15 anos	Vendedora de roupas e acessórios
Raimundo Ferreira	66 anos	40 anos	Peixeiro - especializado em pirarucu e tucunaré.
Juliana Araújo	29 anos	4 anos	Vendedora de sucos naturais e bolos caseiros
Pedro Henrique	34 anos	7 anos	Vendendo utensílios de cozinha e ferramentas.
Maria das Graças	62 anos	35 anos	Comerciante de ervas medicinais e plantas típicas.
Carlos Eduardo	22 anos	1 ano	Ajuda os pais na banca de legumes e verduras.
Rosa Helena	50 anos	20 anos	Vendedora de mingau de milho e tapioca nas manhãs de sábado.

Vinícius Guimarães	38 anos	12 anos	Vendedor de calçados e redes artesanais
Tainá Cristina	27 anos	3 anos	Vendedora de biojóias e artesanato

Fonte: Produzido pelo autor (2025)

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de forma aleatória, visando selecionar diferentes perspectivas referentes aos aspectos de linguagem utilizados na feira de Abaetetuba. O questionário de pesquisa aplicado está no anexo desse trabalho. Os principais resultados desenvolvidos durante a pesquisa estão dispostos a seguir;

4.1 Perfil sociolinguístico observado

Os depoimentos revelam que os feirantes de Abaetetuba apresentam uma relação de forte identificação com sua forma de falar, encarando-a como parte essencial da identidade local. Todos dos entrevistados relatam que a linguagem dos sujeitos de Abaetetuba possui uma identidade própria, compreendendo que uma das perguntas direcionadas a um dos entrevistados foi a seguinte; *você acha que as pessoas da feira falam de um jeito diferente de outros lugares?*, como relatado por um dos entrevistados que já visitou o Estado de São Paulo e assim, pôde perceber diferenças linguísticas, na fala dele;

o pessoal e Abaeté fala um pouco diferente, eu trouxe uma gíria de São Paulo que uso aqui; qual tua pesquisa?... são um pouco diferentes porque as pessoas não a utilizam aqui.

A fala acima retrata que o feirante tem consciência da existência de variedades regionais dentro do português brasileiro. Essa percepção é um dado importante porque mostra que, mesmo entre falantes de uma mesma língua, há diferenças expressivas que marcam identidades locais. Assim, Bagno (2007) destaca que a valorização das variedades populares é fundamental para combater o preconceito linguístico. As marcas presentes na linguagem da feira não apenas identificam um grupo, mas também resistem à homogeneização linguística, mantendo vivo um patrimônio imaterial ligado à história e à cultura local.

4.2 Adequação Linguística

Considerando as discussões de Alkmim (2006), e Bagno (2007), observamos que a Língua varia de acordo com as situações, sendo assim, ela não é algo imutável, mas varia a partir de variações rurais, urbanas e de classes sociais. Nessa perspectiva, esses elementos foram

evidenciados nas repostas dos questionários, sobretudo quando questionados a seguinte questão; *você muda sua forma de falar dependendo de quem está conversando (cliente, colega, fiscal, etc)?*, em que todos os entrevistados destacam que que adequam sua linguagem dependendo do cliente que recebem, fator explicitado nas falas abaixo;

Cada caso é um caso, tem clientes que temos que levar mais a sério a comunicação, para passar uma imagem de profissionalismo, assim, o cliente sempre volta devido a formalidade. Minhas intimidades podem não deixar o cliente confortável. (Resposta 1)

Tem casos que eu mudo minha forma de falar, com idosos pro exemplo eu sou mais respeitoso, mas para pessoas da minha idade eu uso palavras mais conhecidas. (Resposta 2)

Mudo a forma de falar; com os evangélicos falo de um jeito, com os colegas de trabalho outro, dependendo da pessoa. (Resposta 3).

Esses relatos indicam que a variação linguística no ambiente da feira é um fenômeno complexo, que envolve tanto a preservação da identidade cultural quanto a adaptação estratégica conforme o contexto social e interlocutor. A preservação da identidade cultural porque mesmo que a fala seja mais adequada dependendo do público, ainda assim as gírias abaetetubenses estão presentes como forma de expressão informal. Assim, os estilos de linguagem no âmbito informal da feira de conhecimento, são aspectos linguísticos específicos dos feirantes da feira de Abaetetuba. Assim, a comunicação é marcada pela formalidade ou informalidade, em que, “as variedades linguísticas utilizadas pelos participantes das situações devem corresponder às expectativas sociais convencionais [...]” (Alkmim, 2006, p. 37).

4.3 Preservação do aspectos linguísticos dos feirantes

A preservação da diversidade sociolinguística é de suma importância para compreendermos que a língua é mutável, ela varia de acordo com as especificidades de cada grupo social. Assim, de acordo com Alkmim (2006, p. 33) “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea.” Esse fator foi bastante evidenciado durante os processos linguísticos da feira de Abaetetuba quando questionados a seguinte questão; *você acha importante preservar as expressões e o jeito de falar do povo de Abaetetuba*, em que cinco dos entrevistados dizem concordar com a preservação dos aspectos linguísticos da cidade, como evidenciado nas falas abaixo;

É importante preservar porque nossa linguagem é nossa identidade, não podemos mudar porque somos de Abaetetuba, não podemos mudar nossa fala. Inclusive, a nossa linguagem é diferente de outros lugares, já ouvi de muitos visitantes. (Resposta 1)

É importante preservar a linguagem da feira devido a naturalidade e os modos de vida “aqui em Abaetetuba a gente descansa no almoço e em outros lugares isso é diferente. (resposta 2)

A partir dessas respostas, destaca-se que o sentimento de pertencimento desponta como fundamental para a valorização dos aspectos linguísticos específicos da localidade, uma vez que essa língua é passada de geração a geração e permanece, assim, viva e sendo parte inerente dos sujeitos da cidade, como evidenciado nas falas abaixo;

Eu me sinto à vontade falando do meu jeito... Meu jeito é alegre e natural, assim, não mudo o meu jeito por ninguém. (resposta 1)

Me sinto à vontade falando do meu modo, devido estar consoante com minhas raízes. (resposta 2)

Alkimim (2006) destaca os diferentes modos de falar a própria Língua Portuguesa, utilizados pelo conjunto de seus falantes do Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, entre outros, e dessa forma, os falantes da feira de Abaetetuba dispõe de uma marca linguística específica e, como abordado por Bagno (2007), não existe uma língua homogênea, ou seja, nenhuma língua se sobressai a outra, assim, as diversas variações linguísticas, assim como os patrimônios culturais e materiais, devem ser preservados. Essa preservação deve ser feita de forma a valorizar essas formas de se comunicar.

Ademais, grande parte dos entrevistados relataram se sentir à vontade com seus aspectos linguísticos, quando perguntados; *você se sente à vontade falando do seu jeito, com suas expressões?* eles responderam que;

Eu me sinto à vontade falando do meu jeito... Meu jeito é alegre e natural, assim, não mudo o meu jeito por ninguém. (Resposta 1)

Me sinto à vontade falando do meu modo, devido estar consoante com minhas raízes. (Resposta 2).

A partir dessas repostas, observamos que as duas pessoas que responderam o questionário expressam o mesmo sentimento — orgulho e conforto em falar de um jeito que reflete a própria identidade. Nesse viés, cada grupo social tem o seu vernáculo, ou seja, seu estilo próprio, que identifica a comunidade e assim, as pessoas da feira de Abaetetuba dispõe dessa linguagem específica e que é demarcado pelos elementos linguísticos, como evidenciado na seção a seguir.

4.4. Principais marcas linguísticas

As marcas linguísticas têm uma importância central para um grupo social porque funcionam como um sinal de pertencimento, identidade e resistência cultural. Certas expressões, gírias, sotaques ou construções gramaticais ajudam os membros de um grupo a se reconhecerem entre si. Essas marcas funcionam como se fosse um “código interno”, que reforça a ligação entre os sujeitos, transmitindo valores, histórias e modos de viver próprios daquele coletivo. As principais marcas linguísticas dos feirantes de Abaetetuba estão organizadas na tabela abaixo;

Tabela 02 - Principais marcas linguísticas

GÍRIAS	SIGNIFICADOS
Égua	Expressa surpresa, susto ou entusiasmo. "égua, esse peixe tá barato demais!"
Maninho / Maninha	Forma carinhosa de chamar alguém (amigo, cliente). "chega aqui, maninha, olha essa fruta bonita!"
Tá no ponto	Algo que está pronto ou ideal (comida, mercadoria). "essa farinha tá no ponto, crocante!"
Bora logo!	Pressa para fazer algo ou chamar alguém. "bora logo, que a feira vai fechar!"
Freguês / freguesa	Cliente habitual, mas também usado pra chamar qualquer comprador. "chega, freguesa! Tem promoção hoje!"
Tá baratinho	Expressão para convencer o cliente de que está barato. "pode levar, tá baratinho mesmo!"

Peixe do rio	Pescado fresco, direto do rio (não congelado ou de cativeiro). "olha o peixe do rio, maninho! Fresquinho!"
Cuia	Medida de açaí ou recipiente tradicional usado. "vai levar duas cuias ou só uma?"
Pega leve aí	Pedido de desconto ou para "dar um jeitinho" no preço. "pega leve aí no preço, maninha!"
Dá pra fiado?	Pergunta clássica de quem quer pagar depois (muito comum em feira). "dá pra fiado, maninho? Eu pago sábado!"
Já é!	Concordância, tipo "beleza" ou "tá certo". "três reais a cuia? Já é!"
Tô na lida	Tô trabalhando, tô na correria. "não posso parar agora não, tô na lida!"
Rega o preço	Baixa o preço, dá desconto. "rega esse preço aí que eu levo dois!"

Fonte: produzido pelo autor (2025)

Essas expressões são marcas típicas da variação regional dos feirantes de Abaetetuba, revelando traços culturais locais, ligados à economia ribeirinha, à culinária e às relações de comércio popular. Assim, elas funcionam como código de proximidade, uma vez que o uso reforça a sensação de familiaridade e confiança entre feirantes e fregueses. Ademais, observamos que a linguagem na feira é também uma ferramenta de trabalho, ajustada às estratégias de venda e à dinâmica social do lugar.

5. CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções

sociais e seu papel na construção da identidade cultural local, cujos resultados demonstram que os feirantes de Abaetetuba dispõe de um quadro sociolinguístico marcado por uma forte identidade local, flexibilidade comunicativa e preservação de traços linguísticos próprios, alinhando-se às reflexões de Bagno (2007) e Alkmim (2006) e Bortoni (2014) sobre variação linguística. Os resultados demonstram que os feirantes não apenas reconhecem que seu modo de falar difere de outras regiões, mas também atribuem valor a essa diferença.

A flexibilidade comunicativa identificada evidencia ainda que os feirantes são capazes de alternar entre variedades linguísticas dependendo do sujeito atendido, assim, o objetivo comunicativo se modifica, o que confirma a ideia de língua como fato social e dinâmico, conforme defendido por Alkmim (2006). Ademais, a pesquisa revela que o modo de falar dos feirantes é um aspecto cultural, permeado por história, relações sociais e valores compartilhados. Por fim, espera-se que o presente trabalho contribua de forma significativa para a valorização dos aspectos linguísticos e culturais de diferentes grupos sociais da região amazônica, perpetuando e valorizando as formas de comunicação que são únicas de cada grupo e se constituem enquanto elementos significativos da população.

6. REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.1, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.
- BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola, São Paulo, 2007.
- BORTONI, R. S. M. **A sociolinguística: uma nova forma de ler o mundo**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. Atlas, 2 ed. São Paulo, 1989.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. Atlas, 6 ed. São Paulo, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas, 4. ed. São Paulo, 2002.
- MARTINS, H. H. T. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. *Educação e Pesquisa*, v.30, n.2 São Paulo, 2004. p. 289-300.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, L. C. **A técnica do questionário: Conceituação, características, vantagens e limitações.** 2021. Disponível em: www.lcsantos.pro.br. Acesso em 15.04.2025.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

1. Sobre você

1.1 Nome: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Gênero: () Feminino () Masculino () Outro () Prefiro não dizer

1.4 Você é:

() Feirante

() Cliente da feira

() Outra função: _____

1.5 Há quanto tempo você frequenta/atua a feira de Abaetetuba?

() Menos de 1 ano

() Entre 1 e 5 anos

() Mais de 5 anos

2. Jeito de falar no dia a dia

2.1 Você costuma usar gírias ou expressões da região quando está na feira?

() Sim

() Não

Se sim, pode citar algumas que você costuma usar?

2.2 Você acha que as pessoas da feira falam de um jeito diferente de outros lugares?

() Sim

() Não

Se sim, em que sentido?

2.3 Para você, qual a marca linguística dos feirantes da cidade de Abaetetuba?

2.3 Você muda sua forma de falar dependendo de quem está conversando (cliente, colega, fiscal, etc)? () Sim

() Não

Se sim, como?

3. Opiniões sobre a linguagem da feira

3.1 Você se sente à vontade falando do seu jeito, com suas expressões?

() Sim

Não

Por quê?

3.2 Já aconteceu de alguém rir, criticar ou corrigir sua forma de falar?

Sim

Não

Se sim, como você se sentiu? _____

3.3 Você acha importante preservar as expressões e o jeito de falar do povo de Abaetetuba?

Sim

Não

Por quê?

4. Comentário livre (opcional)

Tem alguma história curiosa ou engraçada envolvendo o jeito de falar na feira que você queira compartilhar?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÓ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, VINÍCIUS LOPES, profissão VENDEDOR DE REDE, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

VINÍCIUS LOPES
Nome e assinatura

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÔ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIAÇIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Ana Beatriz morais profissão vendedora roupa, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

Ana Beatriz morais Silva
Nome e assinatura

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÓ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Pedro Henrique, profissão Vendedor, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

Pedro Henrique
Nome e assinatura

ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÔ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, RAIMUNDO NONATO, profissão PEIXEIRO, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

RAIMUNDO NONATO
Nome e assinatura

ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Rosa Helena, profissão vend. d/migreu, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

Rosa Helena
Nome e assinatura

ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÔ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Maia das Graças, profissão Vendedora de ervas, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

Maia das Graças
Nome e assinatura

ANEXO H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Juliana Gomes Araújo, profissão Vendedora de Suco, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

Juliana Gomes Araújo
Nome e assinatura

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÓ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIAÇONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, Tainá Cristina, profissão Vendedora de bacias, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

Tainá Cristina
Nome e assinatura

ANEXO J – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÔ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, CARLOS EDUARDO, profissão VENDEDOR DE VERDURAS, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

CARLOS EDUARDO
Nome e assinatura

ANEXO K – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TCLE (TERMÔ DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESSOA))

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: “A LINGUAGEM DOS FEIRANTES NA FEIRA DE ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA”. Esse Termo contém as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.

Eu, José Carlos Barros, profissão Vendedor de Frutas, portador da Cédula de Identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ em retorno à mensagem de participação na pesquisa, concordo de livre e espontânea vontade em participar como colaborador(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como os esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O objetivo da pesquisa é investigar as variações linguísticas presentes na fala dos feirantes da feira de Abaetetuba, com ênfase nas marcas linguísticas regionais, suas funções sociais e seu papel na construção da identidade cultural local.
- II) As informações requeridas na pesquisa referem-se à linguagem local dos feirantes da cidade de Abaetetuba-PA.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim ou ao município.
- V) Os resultados obtidos na pesquisa serão apresentados de forma a não identificar o nome pesquisados, uma vez que serão divulgados de forma agregada.

Abaetetuba/Pa, 20 de setembro de 2025.

José Carlos Barros
Nome e assinatura